

## DO ARMÁRIO PARA O JARDIM: VISIBILIDADE DAS SEXUALIDADES MARGINALIZADAS NAS AULAS DE LITERATURA POR INTERMÉDIO DE UM CURRÍCULO *QUEER*

José Paulo Alexandre de Barros Júnior (1); Thaynã Emanoella Guedes Carneiro (2);  
Samantha Joyce Ferreira Wanderley da Silva (3); Maria de Fátima Ramos da Silva (4).

(1) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: josepaulo08@bol.com.br

(2) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail:  
thayna\_emanuela.123@hotmail.com

(3) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: csmabds@gmail.com

(4) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: fatima97ramos@gmail.com

**Resumo:** Considerando o currículo escolar como um acessório inerente a construção de identidades e formação de sujeitos críticos, o presente trabalho tem como objetivo desvendar os meios pelos quais a literatura se configura como ferramenta transgressora e eficaz na valorização das diversidades. Desta forma, com base na análise dos resultados de pesquisas sobre gênero e sexualidade feitas em uma escola da Rede Estadual e outra da Rede Privada de Ensino, no município de Condado-PE, ressaltaremos aqui a importância da literatura como instrumento de modificação social, e como esta arte possibilita trazer representatividade e a urgente conscientização acerca da homofobia e outras violências sofridas por minorias sociais no contexto escolar. Para este fim, teceremos uma reflexão acerca das diretrizes nacionais para a educação básica em relação à diversidade e inclusão e as possibilidades de contemplá-las a partir de um currículo *Queer* nas aulas de literatura, ressaltando a importância da discussão de gênero e sexualidade motivada a partir de então.

**Palavras-chave:** Teoria Queer, Ensino de Literatura, Letramento Crítico, Diversidade na Escola.

### 1. INTRODUÇÃO

É intrínseco ao ser humano a propensão de sempre ligar um sujeito a uma identidade. Esta é uma ação incitada e materializada pelos aparelhos ideológicos, midiáticos e institucionais que erroneamente singularizam, estereotipam e generalizam sujeitos:

Assim, sem perceber, somos controlados por instituições como a escola, o governo, a mídia que forjam representações de subjetividades e acabam nos impondo formas de individualidades no ínterim de coletividades.  
(BAUMAN, 2005, p. 83)

Este é o caso dos homossexuais, transexuais e outras minorias sexuais marginalizadas na sociedade, que diante desta construção social, cheia de paradigmas estabelecidos e um modelo heterossexual a ser seguido como regra, se vêem sem representatividade, num espaço preconceituoso e determinista. Historicamente no Brasil, a homossexualidade sempre foi motivo de perseguição, sempre foi estereotipada, e, inclusive, já foi erroneamente considerada um desvio patológico conforme os ditames de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e

machista. Apesar dos relativos avanços na discussão e dos movimentos de luta a favor dos direitos LGBTQI+, a problemática continua enraizada e ainda refletida no cenário sociocultural.

É a partir desse pressuposto que se percebe a grande importância de trabalhar estas questões no ambiente escolar, onde o currículo invisibiliza o assunto, em um ambiente onde não permeia a representatividade, perpetuando, assim, a visão social deturpada da identidade homossexual, visto que a educação tende a refletir a sociedade dominante.

(...) esperamos que professoras, professores e demais profissionais da educação fortaleçam o papel que exercem de promotores/as da cultura de respeito a garantia dos direitos humanos, da equidade étnico-racial, de gênero e da valorização da diversidade, contribuindo para que a escola não seja um instrumento da reprodução de preconceitos, mas seja espaço de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira. (FREIRE *et al.*, 2009, p. 10)

A homossexualidade e a questão da diversidade de gênero e sexual têm sido negligenciados no contexto escolar por serem considerados um tabu na sociedade e, assim, difíceis ou irrelevantes para serem discutidas. Perante o avanço dos estudos acerca da diversidade, de gênero e de sexualidade, tendo em vista o grande problema da violência histórica acometida aos LGBTQI+, é notável o quanto isso prejudica as relações interpessoais deste grupo, numa sociedade que está longe de ser equânime. Diante de tal fato, faz-se necessário verificar como este assunto é tratado nas salas de aula e as implicações geradas diante das possíveis negligências na abordagem desta temática.

Considerando seu influente papel na formação da sociedade e como produto da cultura, a literatura mostra-se então, uma ferramenta transgressora e eficaz para a valorização das diversidades. Entretanto, isso deve ser usado de forma eficaz e direta, não de forma velada como é tratada no sistema de ensino atual.

A experiência literária possibilita a ampliação de horizontes, a reflexão e o desenvolvimento da sensibilidade. Esse contato é efetivado na escola com o ensino da literatura e das outras artes, concretizando o direito do(a) aluno(a), conforme prescreve a LDB (9.394/96), em seu Art. 35, inciso III, a fim de que haja o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996). Quando esse direito não é efetivado na escola, implica na formação humana do(a) aluno(a).

À luz dessa problematização, o presente trabalho usa como arcabouço teórico, Silva (1999), Egypto (2003), Guacira Lopes Louro (2009), entre outros que vão possibilitar um

recorte social e histórico a respeito da discussão sobre gênero e sexualidade e a questão da diversidade na educação a partir das discussões sobre currículo e letramento literário.

## 2. METODOLOGIA

A partir de inquietações e de leituras bibliográficas desenvolvidas sobre a temática, desenvolvemos a princípio uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa em duas escolas do município de Condado-PE, uma da Rede Estadual e outra da Rede Privada de Ensino. A pesquisa foi realizada com 100 alunos, sendo 50 alunos da escolada Rede Privada e 50 alunos da Rede Estadual de Ensino com uma faixa-etária de 14 a 17 anos de idade, pertencetes a series distintas, que iam desde os anos finais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Nossa preocupação inicial foi em fazer um levantamento acerca das concepções de discentes a respeito de questões sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar. Tal levantamento foi possível ser realizado através da aplicação de questionários, contendo 4 perguntas objetivas a respeito do recorte temático em questão. Logo após, foi feito o levantamento quantitativo, realizando o agrupamento e a análise das informações que foram reunidas em gráficos para melhor compreensão.

Em segundo plano, nosso trabalho teve como base a revisão bibliográfica acerca de pesquisas científicas voltadas para o estudo de gênero, sexualidade, formação docente e ensino de literatura, objetivando apresentar propostas de intervenção aos problemas encontrados que foram resultados da pesquisa de campo. Além disso, contemplamos tais aspectos com os parâmetros que regem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica.

Partindo deste pressuposto, buscaremos problematizar o atual currículo escolar que não considera questões sobre gênero e sexualidade de forma a utilizar novas perspectivas de ensino que provovam uma fulga a esta heteronormatividade curricular vigente, instigando um currículo *Queer*. Consideramos, assim, concomitantemente questões de gênero, amparadas pela teoria da literatura e, quando necessário, pela Sociologia e pela história. Dessa forma, apreendemos através das vozes e dos silêncios, da representatividade e da ausência, das representações e das realidades tangíveis, as formas pelas quais a literatura pode contestar problemas sociais e questões existenciais. Visando averiguar a inserção da litetatura escrita sobre minorias em sala de aula, o nosso intuito é promover uma abrangente formação de leitores críticos, conscientes da diversidade e inclusão, seja a dos (futuros) professores, seja de seus alunos que eventualmente se beneficiarão dos resultados desta pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### *3.1 A homossexualidade e as sexualidades “desviantes” na escola: Uma análise no município de Condado-PE.*

É inegável a atual necessidade sobre pautar discussões sobre sexualidade e gênero numa sociedade que atribui estereótipos, segrega e até violenta pessoa que divergem do que é convencionalmente considerado normal e que foge da heteronormatividade imposta. Diante desta realidade, atualmente começam a surgir preocupações a respeito se abrir esta discussão no ambiente escolar, visto que sua realidade é espelho da sociedade que veremos no futuro.

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. (EGYPTO, 2003, p.1)

Assim, tais discussões contribuem para a constituição de identidades, já que é a partir de autoafirmação e da construção de seres que compreendam a si próprio e as diferenças que constituem outros indivíduos, que a sociedade começa a ter mais aceitação, dissipando paradigmas criados pela cultura.

Considerando a partir deste ponto o importante papel que a educação assume como uma ferramenta eficaz para a dissipação de preconceitos e discriminação, de forma que seja capaz de dar suporte para fornecer espaço equânime de convivência social a todos, buscamos aqui abordar representações homossexuais dentro desse contexto e apontar possíveis soluções para problemáticas que possam surgir.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas de educação básica no município de Condado-PE, objetivando compreender e problematizar tais representações de gênero e sexualidade nestes contextos. O questionário que entregue aos alunos que participaram da pesquisa, continham 5 perguntas, sendo elas: 1) Você considera a homossexualidade um comportamento normal? 2) Você aceita a homossexualidade? Seria comum para você ter um(a) melhor amigo(a) homossexual? 3) Professores na sua escola discutem sobre orientação

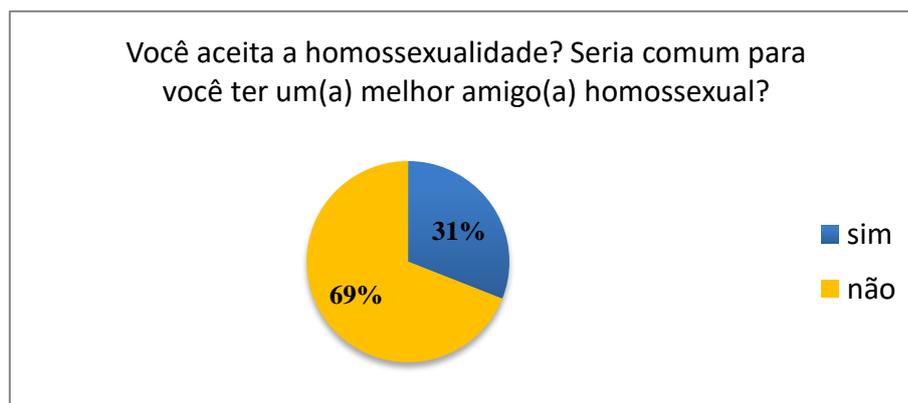
sexual e diversidade de gênero nas aulas? 4) Você conhece alguém na escola que já foi vítima de algum preconceito por ser homossexual?

Ao entrar em contato com as perguntas, os estudantes já se observavam uns aos outros com um certo ar de surpresa, e que alguns alunos/as do gênero masculino tiveram certa resistência para participar, já que temiam expor seus posicionamentos por receio de outras pessoas pensarem que fossem *gays* por estar falando sobre o assunto. Notamos a partir disso, que o tema desperta curiosidade entre eles, porém é pouco explorado e possivelmente ainda um tabu entre a maioria. Dentre os alunos que responderam o questionário, apenas 4% se consideram homossexual. Os outros 96% consideravam-se heterossexuais.

### Gráfico I – Conhecimento sobre a homossexualidade



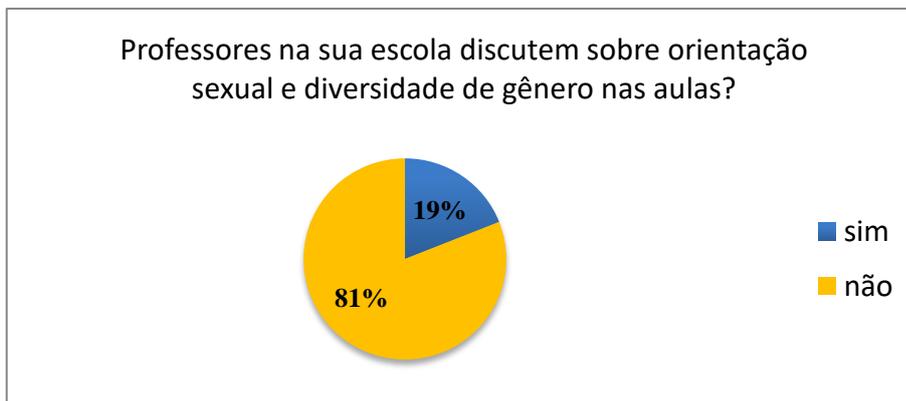
### Gráfico II – Sexualidade e relações interpessoais



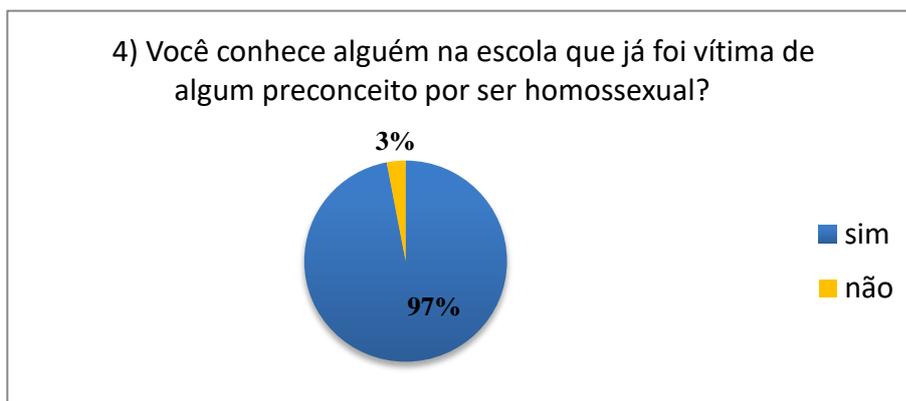
Pelo resultado percentual dos gráficos, observamos 91% dos alunos consideram a homossexualidade um comportamento desviante, enquanto 69% dos alunos que responderam ao questionário não aceitam o comportamento ou ainda não teria um amigo homossexual. Concluimos que nestas escolas a homossexualidade ainda é vista pelo viés do estigma, sendo considerada um erro. Por meio diálogo realizado durante a aplicação de questões, observamos ainda que alguns alunos julgam a homossexualidade como uma anomalia, mesmo que a

Organização Mundial da saúde tenha retirado a homossexualidade da lista de doenças há 28 anos. Observamos a partir de então, que tais concepções homofóbicas partem da falta de informação e da falta de conhecimento teórico sobre o assunto, que possivelmente é negligenciado nas escolas.

### Gráfico III – Educação sexual na escola



### Gráfico IV – Homofobia e violência na escola



Pela leitura dos gráficos é possível concluir que a falta de informação a respeito do assunto é causada pelo fato do mesmo não ser trabalhado amplamente nas escolas pesquisadas, já que 81% dos alunos afirmam não discutir sobre o assunto nestes espaços. Provavelmente tal realidade parte também de valores estabelecidos em casa, já que conforme Louro (2003) afirma, grande parte dos princípios culturais e noções de gênero parte de conceitos estabelecidos também pela família. O que deveria ser ambientes desconexos a tabus e preconceitos infundados, ainda continua sendo um espaço resistente ao não aprofundar tais questões e debates, principalmente por carregar um corpo discente que na maioria das vezes não tem autonomia ou embasamento teórico suficientemente para estar preparados para lidar com o assunto.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2003, p.57)

Tal desanteção prova que a escola intrinsecamente concorda com valores e discursos normativos quando tange a sexualidade. Segundo Louro (2003), esta instituição de valores abre espaço para a homofobia, já que o preconceito e a discriminação encontram neste silenciamento um espaço fácil para disseminarem-se. Tal afirmação fundamenta-se nas estatísticas comprovadas na pesquisa, no qual 97% dos participantes afirmam que conhece alguém na escola que foi vítima de preconceito causado por homofobia. Porém, como se daria a valorização das diferenças e respeito as diversidades no contexto escolar, a fim de dissipar as problemáticas aqui encontradas?

### ***3.2 Literatura e visibilidade Queer: Por um currículo que valorize as diferenças.***

A linguagem possibilita uma troca de saberes e valores culturais que são importantes para edificar posicionamentos diante da vida como ser político e social. Assim, um proveitoso trabalho com a literatura na sala de aula faz dela um acessório capaz de politizar sujeitos vítimas de convenções sociais hegemônicas, além de habilitar sujeitos críticos com a realidade que os cercam:

[A]presenta-se como um instrumento útil para explorar, através da imaginação, os méritos de diferentes estilos de vida e tipos de sociedade alternativos. Dentro desta perspectiva, a literatura é compreendida como possibilidade de transformar, através da reflexão, a consciência do homem. (CORRÊA, s.d, p.1).

Por este viés, a literatura tem o poder de não apenas exteriorizar a sociedade tal como ela é, como também modifica-la ou negá-la. Trabalhar literatura que aborde questões sobre sexualidade e gênero, oferece subsídio suficiente para alunos/as (re)pensarem valores e refletir sobre diversidade, inclusão e minorias. Trabalhar uma literatura representativa no contexto escolar representa ressignificar a prática de leitura na escola, privilegiando aquela que promove o letramento crítico e literário, já que ela vai atender a diversas finalidades,

dentre elas a reflexão, a fruição e o deleite. A sala de aula é o ambiente ideal para inseri-la, objetivando perpetuar valores e impulsionar transformações emergentes já que a escola é uma instituição de formação não somente curricular, mas cultural.

Para tal, a escola deveria se um ambiente aberto as diversidades, habilitada a modelar sujeitos críticos capazes de compreender a pluralidade de sujeitos em suas mais diversas orientações na sociedade que as cercam. Entretanto, como observamos, através do atual currículo educacional, a escola continua perpetuando ideologias hegemônicas opressoras, e continua negligenciando em seu aparato didático-metodológico discussões sobre diversidade, orientação sexual e gênero, e minorias, tornando-se um ambiente que não permeia a representatividade.

A escola, como instância privilegiada na criação, discussão e manutenção de ideologias, não pode estar alheia a esses debates. No entanto, historicamente, a escola tem servido para disseminar ideologias cultivadas pelas classes dominantes, através, sobretudo, de sua construção curricular, decidindo o que trabalhar e como, de acordo com os interesses dessas classes, o que exclui as diversidades em prol da manutenção do que se institui como padrão por ela. (CARVALHO et *all* , 2015, p. 112).

No caso da literatura escrita sobre minorias sexuais, há o agravante desta não constar ou não estar suficientemente presente no livro didático. Dessa forma, se faz necessário revisar e pensar métodos e conteúdos, que de acordo com as diretrizes do MEC, instrumentalizem os (futuros) professores e professoras para se atentarem da (não) presença dessa literatura no material escolar, de forma a estarem aptos a inseri-los no planejamento de suas aulas. Professores este que devem estar instrumentalizados suficientemente capazes de compreender a urgência e relevância da representatividade, da visibilidade e da, conseqüente, reflexão sobre a diversidade e do direito e importância de uma consciência e prática inclusivas na sociedade.

Exige-se, então, reiterar as prescrições das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, que preconizam que “a educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam” (BRASIL, 2013, p. 16).

Assim, é necessário que as diversidades sexuais sejam assimiladas como condições inerentes e identitárias de cada indivíduo, e cabe a escola dar respaldo a essa demanda, representando e fazendo sentir representados todos os sujeitos que ela forma para a sociedade, transformando as desigualdades em equidades:

Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupo socialmente excluídos. Trata-se de questões de classe, gênero, raça, etnia, geração, constituídas por categorias que se entrelaçam na vida social – pobres, mulheres, afrodescendentes, indígenas, pessoas com deficiência, as populações do campo, os de diferentes orientações sexuais . (BRASIL, 2013, p. 16).

Ou seja, cabe a escola abandonar o viés tradicional pertencente a culturas hegemônicas com padrões obsoletos, que não valorizem as diversidades sexuais e se torne efetivamente um ambiente de todos, para que assim, seja mais democrática. É dever da escola, juntamente com seu corpo docente, contemplar em seu currículo concepções plurais de constituição identitária, como as múltiplas orientações sexuais<sup>1</sup> e identidades de gênero. Assim, minorias passam a fazer parte do todo, já que serão naturalmente compreendidas dentro de seu contexto dissipando-se *bullying*, homofobia, dentre outras violências acometidas:

(...) combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas (BRASIL, 1998, p. 144).

A partir dessa problemática, com base em investigações bibliográfica, a Pedagogia *Queer*<sup>2</sup>, contempla suficientemente essas necessidades ao ser utilizada como estratégia pedagógica para (re)pensar novas metodologias não-normativas no que tange ideologia, gênero, sexualidade e relações sociais.

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de

---

<sup>1</sup> Ao trata do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 2000, p. 107)

<sup>2</sup> A *Pedagogia Queer* origina-se da necessidade de teóricos e pesquisadores na área da Educação em empregar concepções estabelecidas a partir da *Teoria Queer* para (re)pensar técnicas pedagógicas inéditas que estejam em contraposição com a normatividade. No Brasil, a estudiosa Guacira Lopes Louro é a principal articuladora desses esforços em pensar no legado da Teoria Queer na educação.

produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades (LOURO, 2001, p. 550)

Portanto, é através da efetivação da intervenção pedagógica *Queer*, que os insatisfeitos com a falta de representatividade da escola atual, conseguirão meios para resolver este problema. É questão de compreender que as minorias supracitadas não como menores ou inferiores, mas sim compreendê-las como grupos socialmente silenciados. É através das vozes deste silêncio, que professores devem buscar meios de representá-los numa realidade tangível.

Entretanto, o formato *Queer* não é rígido ou postulado como modelo único ou regra. Louro (2004), atesta que a Pedagogia Queer não é massiva, não postula regras, e sim impulsiona seres a transgredir formas de pensar e agir criticamente, pois tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização, a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência.” (LOURO, 2004, p. 52). Assim, é através desta concepção geradora de críticos, que a escola formaria cidadãos questionadores da realidade e dos problemas e concepções tradicionais que os cercam.

[E]la nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. (SILVA, 1999, p.107)

Por isso, ao aplicar no contexto escolar, o profissional que acredita numa educação inclusiva como veículo inerente a representatividade de minorias sexuais, vai se deparar com um imenso desafio, já para a cultura dominante a pedagogia *queer* pode ser considerada “perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa.” (SILVA, 1999, p.107). Entretanto, o docente deve estar suficientemente amparado nas diretrizes dos Parâmetros Nacionais Curriculares (1998), que já preconiza que o currículo escolar deve estar aberto a promoção de tais experiências, já que vivenciar as diversidades é vivenciar a plena humanidade, é construir um espaço de pertencimento equânime a todos.

Ao questionar tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam à promoção do bem-estar e da saúde, o trabalho de Orientação Sexual se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também nos outros temas transversais (Ética, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente). (BRASIL, 1998, p. 309)

Perceptivamente, o currículo *queer* vai trazer um conjunto que questões polêmicas. Entretanto, deve-se ter consciência de que vai ser através do ato de ressignificar tabus e refletir sobre eles que a comunidade escolar vai ultrapassar as fronteiras do preconceito e da normatividade. Serão através de atividades pautadas na não-binariedade de gênero, com projetos culturais que proporcionem uma experiência de intercâmbio cultural entre os grupos marginalizados e através da inclusão de uma literatura que transcende a cânone, ou que a diversidade esteja inclusa no mesmo, que a escola vai suprir as demandas do público que dela faz parte.

#### 4. CONCLUSÃO

O olhar estereotipado, segregador e hostil faz parte das representações sobre as sexualidades que divergem do modelo heterossexual. Tais representações desses estigmas são alimentadas na escola que não sucumbe este viés determinista. O atual modelo de escola já ultrapassado e constituído há mais de uma década, demanda desse olhar crítico que é proporcionado pela literatura, atuante como instrumento de modificação social. A literatura escrita sobre minorias sociais, assim como literaturas que transcendem e desconstruem paradigmas do contexto sócio-discursivo, são excelentes ferramentas que promovem a integração de sujeitos, numa sociedade que precisa encará-los como exemplos de uma possibilidade existente.

Para a concretização desses pressupostos, o professor precisa levar em conta todos os aspectos, diferenças e sexualidades existentes em sua sala de aula. Assim, a escola será um ambiente equânime, representativo fazendo com que as minorias sintam-se pertencidas a esta instituição, atenuando violências e repressões a quem se apresenta diferente de modelos ao qual a sociedade considera divergente.

De tal maneira como descrevem as Diretrizes Curriculares Nacionais, a escola necessita se reinventar e englobar as diversidades como componentes intrínsecos as identidades, priorizando “o combate a toda forma de discriminação” no PNE (2014-2024), por intermédio de um currículo *Queer*, que questione todo e qualquer pressuposto metodológico, mas que valorize a garantia do direito de todos a educação.

#### 5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BRASIL. **Constituição (1988)**: Constituição da República Federativa do Brasil. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23/12/1996, p.27.833. Disponível em . Acesso em 10/2/2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação básica: diversidade e inclusão**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2013.

CARVALHO, Manuela Azevedo; MIRANDA, Luciana A. de; PACHECO, Lilian Miranda Bastos. **Diversidade sexual na escola: documentos legais e comunidade escolar – uma análise**. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/3479/3069>>. Último acesso em: 20 de julho de 2018.

CORRÊA, Janaína Alves Brasil. **A literatura como instrumento de transformação do real: diferentes olhares sobre a ficção**. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/INIC/cd/epg/epg8/epg8-2.pdf>>. Último acesso em: 21 de julho de 2018.

EGYPTO, A. C. (Org). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: editora Cortez, 2003.

FREIRE, Nilcéa; SANTOS, Edson; HADDAD, Fernando. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: 2009.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.541-553. ISSN 0104-026X. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.